

«(...) Estas crónicas são saudadas como um acto de humor, de riso incontido perante as resistências tristemente humanas às mudanças (...)»

Prof. Mariano Gago - Prefácio

«Crónicas da InforFobia», 5 anos depois...

I

Tenho, entre os meus maiores amigos, um casal de sessenta e poucos anos que tem uma interessante particularidade:

Tanto ele como ela têm medo (a palavra certa é «pavor») de tudo o que possa parecer-se com computadores ou que, mesmo muito remotamente, lhes possa fazer lembrar informática. A tal ponto que, da primeira vez que decidiram utilizar o multibanco, foi um acontecimento na família!

A aventura passou-se assim:

Foram os dois. Começaram por procurar um terminal que não tivesse ninguém por perto e aproximaram-se da maquina sorrindo, com um misto de nervosismo e intrepidez. Depois, no seguimento de algumas tentativas (não esquecer que «há quatro hipóteses possíveis»...) lá introduziram o cartão na ranhura. Em seguida esperaram, ansiosos, pelo que iria acontecer.

Em breve, «com um rangido assustador» (são palavras dele), uma tampa subiu e expôs aos seus olhos duas coisas horrorosas: um teclado e um monitor!

Ainda mal refeitos do susto, um texto intimou-os, então, a introduzir o código!

«Teclas tu? Teclado eu?» - o certo é que começaram ambos a tremer... e o cartão acabou por ser ingloriamente «chupado».

Nunca mais quiseram «tal coisa» e retomaram o processo antigo de ir ao banco, sempre que necessário, levantar dinheiro para as despesas da semana.

O único problema, agora, é quando têm de ir ao estrangeiro, especialmente a países onde o Euro não circula:

Como não podem levar o cartão de débito (pois recusaram-se a pedir aquele ou qualquer outro, e nem querem ouvir falar em cartões de crédito), vão, com calma e tempo, comprar as divisas necessárias.

Depois, e para se precaverem de assaltos durante a viagem, cada um mete as notas numa bolsinha de flanela que ela fez, e que é fixada nas cuecas com alfinete-de-ama.

Um dia destes sucedeu o que eu já esperava: a milhares de quilómetros de casa... o dinheiro acabou-se! E ei-los, a ambos, a comer bolachinhas e a dormir fiado, até que um envio de fundos feito pela família os salvou!

De regresso, perguntei-lhes (com palavras cuidadosamente escolhidas), se não lhes tinha servido de emenda.

«Claro!» - respondeu ele. «Nunca mais voltamos a ser apanhados com falta de dinheiro. A minha mulher já fez duas bolsas novas, que levam mais do dobro das antigas».

II

Um dia, precisei de contactar uma empresa para um assunto importante (tratava-se de fazer o envio, por correio electrónico, de um determinado documento contratual).

Telefonei para lá, e tentei falar com a pessoa de «nível mais alto» que fosse possível.

De telefonista em telefonista, cheguei até à Secretária da Administração, a quem expus o caso e a quem pedi o endereço de *e-mail*.

«Vou dar-lhe dois» - foi a estranha resposta. E, um pouco embaraçada, adiantou:

«Olhe, o da Administração é adm@...; mas o melhor é mandar para o meu endereço, que é maria@...».

Escusava de ter dito o resto: «Sabe... é que, na Administração,...»; e embatucou.

«...ninguém lê os *e-mails*...» - concluí eu, tirando-lhe as palavras da boca.

Riu-se, um pouco atrapalhada.

Mas eu cumpri as suas instruções e correu tudo bem.

III

Ando há 14 meses a tentar contactar, também por *e-mail*, três pessoas do Marketing de uma conhecidíssima empresa de Novas Tecnologias.

Sei, por terceiros, que recebem as minhas mensagens mas não se dignam, sequer responder.

Passa-se o mesmo com inúmeros colaboradores e directores de jornais, revistas, programas de rádio, de TV, etc., a quem tenho escrito - e referindo, inclusive, assuntos do seu interesse.

Por que é que divulgam, então, o respectivo endereço, quer nos órgãos de comunicação quer nos cartões de visita?!

IV

Um Director Geral de uma conhecidíssima empresa portuguesa do ramo electrotécnico chegou-se um dia ao pé de mim, com duas dúzias de fotocópias cinzentas e amarrotadas. Continham algum texto e muitos gráficos (originalmente a cores), e pediu-me uma coisa espantosa:

Que eu passasse aquilo tudo num *scanner* e refizesse o documento original utilizando o OCR!

E, sem querer ouvir que tal seria impossível, foi-se embora - não sem antes me ter avisado de que o trabalho era importante e urgente!

Estava eu a dar voltas à cabeça para ver como é que havia de me desembrulhar, quando reparei numa coisa curiosa: algures, no texto, figurava o URL da empresa!

O documento original estava, pois, na Internet, em 3 ou 4 línguas (e a cores, claro!).

E o homem não sabia!

Tratei de tudo, ele ficou feliz, e eu muito bem visto.

Era evidente que ele ignorava que a sua empresa tinha página na Internet.

Pelo que depois vim a saber, nem sequer sabia... que a Internet existia!

Conclusão

Quando, em 1997, escrevi as «Crónicas da InforFobia», utilizei basicamente material verídico (a que apenas tive de dar um pequeno cheiro de ficção).

No entanto, e para obter um número decente de páginas, acabei por ter de meter também meia-dúzia de histórias totalmente inventadas. Se fosse hoje, «felizmente», não teria tido necessidade de recorrer a esse esforço suplementar.

No Prefácio que escreveu para o livro, o Professor Mariano Gago fazia votos para que, em breve, aquelas histórias parecessem impossíveis e inverosímeis.

Só que as que em cima se contam são, além de verídicas, já de 2002.

Entretanto, e como também se vê, o ramo dos inforfóbicos tem vindo a evoluir, seguindo a teoria e as previsões de Darwin:

Agora aí temos o ramo dos info-trôpegos, dos info-malcriados, dos info-analfabetos e (talvez o grupo mais interessante de todos) o dos incorrigíveis info-burros.

Carlos Medina Ribeiro

Texto publicado em Centro Atlântico.pt – Magasine – Outubro 2002